ANO 33.º — Sábado, 15 de Junho de 1940 — N.º 1633

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua dos Combatentes da Grande Guerra—Telefone 125—AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
MANUEL ALVES RIBEIRO
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—AGÊNCIA HAVAS

A razão de ser

—x—

A celebração do Duplo Centenário não teria significado nem sequer razão de ser, se Portugal apenas pudesse comemorar oito séculos de vida.

As festividades solenissimas dêste «ano áureo» justificam-se e impõem-se precisamente porque êsse longo período de existência foi sempre de trabalho, de sofrimento e de glória. Portugal foi quási a Verónica do mundo, através de cêrca de um milénio. Momentos houve até em que nós próprios, e sós, fomos a História da Humanidade.

No discurso magistral que o dr. Júlio Dantas proferiu na Assembleia Nacional, em nome da Comissão Executiva dos Centenários, o eminente académico afirmou:

«Portugal perdurou, resistiu, afrontou as próprias leis inflexiveis da absorção megalostática; conseguiu realizar, através de oitocentos anos de conculsões europeias, o prodigio da sua unidade e da sua continuidade, porque representou uma ideia-fôrça; porque criou uma obra; porque construiu um império; porque propagou uma Fé; porque o seu braço, armado de ferro, abraçou todos os continentes; porque a artilharia das suas naus troou em todos os oceanos; porque foi, enfim, um instrumento de domínio e um factor de Civilização.»

Assim é. Portugal, nesta hora augusta e solenissima, não recorda sòmente a sua Fundação ou a sua Restauração; presta homenagem aos seus filhos nobilissimos que tanto contribuíram para a glória da Civilização.

"Semana das Colónias„

Sob o impulso e orientação da Sociedade de Geografia, de Lisboa, efectuaram-se durante a semana, que hoje termina, muitas conferências tendentes a avivar o sentimento nacional de modo a integrá-lo num ardente desejo de elevar as nossas províncias ultramarinas ao nível da civilização e riqueza a que têm incontestável direito.

Deram o seu concurso a essa campanha patriótica os professores de todos os graus de ensino, oficiais do Exército e da Marinha, Municípios, Comércio e Sindicatos Nacionais, devendo terminar hoje a magnífica jornada de propaganda.

Aqui, não!

—o—

Acaba de nos sair ao caminho mais um *literato*, com pretenções, a implorar espaço no jornal para dar largas à sua veia e expansão aos seus estrambólicos raciocinios. Respondemos-lhe: aqui, não! E vai de ai, o novo candidato a colaborador do *Democrata*, que principiou a tratar-nos por *ilustre camarada*, melindrando-se todo com a nossa *falta de cortezia*, espirrou...

Pois sim; mas vá lá chamar *camarada* a outro...

As festas a Santa Joana

Realizam-se hoje, àmanhã e depois com a assistência do sr. Cardial Patriarca de Lisboa e outros prelados diocesanos

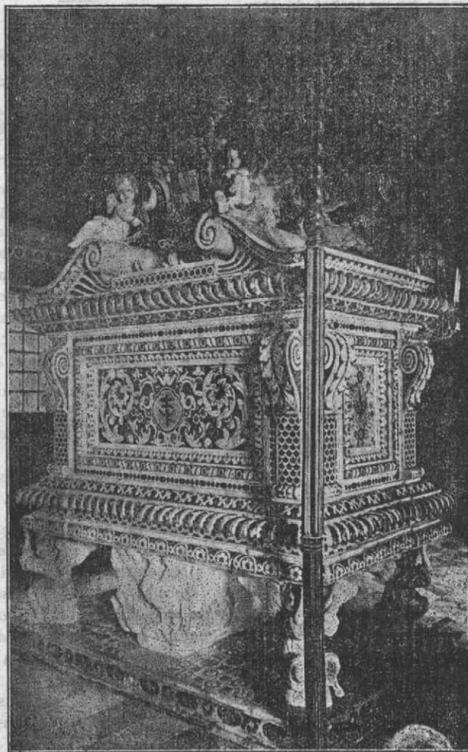
O ALTAR-MOR DO MOSTEIRO DE JESUS E AS CAPELAS LATERAIS EM TALHA DOURADA

Chega hoje no *sud* das 15,45 horas a esta cidade o sr. Cardial Patriarca de Lisboa, que, na *gare* da estação, será recebido com tôdas as honras inerentes ao seu alto cargo, instalando-se no palacete do Visconde de Valdemouro, situado na Rua de José Estêvão, hoje pertença de seu filho, o sr. Alfredo Luz.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira vem, como já tivemos ensejo de dizer, presidir às festas de Santa Joana, cuja procissão se deve efectuar com grande pompa, à moda antiga, e que devia ser motivo para trazer a Aveiro muitíssima gente de fora se a comissão encarregada dêsse número o rèclamasse convenientemente, de maneira a interessar, em vez de se manter inactiva diante dos seus projectos. Mas não. Um simples prospecto, como de qualquer loja de ferragens, bastou para dizer tudo! Adiante.

O sr. Cardial Patriarca, depois dos primeiros cumprimentos, será recebido na Câmara Municipal e jantará no Pavilhão do Parque em companhia de outros prelados que também devem incorporar-se no prestito e mais pessoas gradas da cidade. O itinerário a percorrer por aquele é: Rua de Santa Joana, onde fica o antigo convento e o templo anexo, Rua Direita, Rua Coimbra, Praça Luiz Cipriano, Rua de Viana do Castelo, Avenida Dr. Lourenço Peixinho (alas ascendente e descendente) Rua de José Estêvão, Largo da Apresentação, Largo 14 de Julho, Rua Domingos Carrancho, Costeira, Rua Gustavo Pinto Basto, Rua da Sé e Rua do Jardim para recolher à igreja.

A' noite deve realizar-se um festival no Jardim e para segunda-feira consta do programa um sarau no Teatro Aveirense.

Lamentamos que isto tudo se faça a bem dizer em família, como se se tratasse duma simples festa em qualquer das freguesias.

O TÚMULO DE SANTA JOANA

Franquias postais

—o—

Apareceram à venda novos selos do correio, que constituem uma colecção comemorativa das festas do Duplo Centenário. Ainda não a vimos completa; mas achamos perfeitos os das taxas que já nos chegaram ás mãos, executados pelo processo de talhe dôce nas oficinas do Banco de Portugal, que muito honram.

E' a primeira vez.

A guerra alastra

—x—

Após sete mêses de neutralidade, a Itália declarou guerra à França e à Grã-Bretanha, estendendo-se assim, o conflito europeu. Por sua vez o Canadá e a Nova Zelândia declararam guerra à Itália, conservando-se a Turquia *fiel aos seus compromissos*...

O govêrno francês retirou de Paris, que acaba de ser considerada cidade aberta e donde a população civil tem saído em massa, abandonando-a.

As regas nas ruas

—o—

Precisa ser melhor regularizado êste serviço por haver ruas de bastante movimento, como as do Gravito e de Sá, que volta e meia estão envoltas em espessas núvens de pó.

Aqui fica a lembrança.

Além túmulo

José de Sousa

Faz hoje um ano que foi a enterrar. Tinha amigos e no meio dêles se destacou como organizador de diversões, deixando-lhes saüdades.

Estas duas linhas de recordação.

CONFERÊNCIA

Realizou segunda-feira de tarde e não à noite, como fôra anunciado, a sua conferência, o sr. dr. Agostinho da Silva, erudito publicista e antigo professor do nosso liceu, que, com elegância, dissertou sôbre a *Vida de Masarik*, recebendo, no final, merecidos aplausos e cumprimentos de várias pessoas com quem se relacionara durante a sua estada nesta cidade.

Entre a assistência, que enchia o salão do *Sport Club Beira-Mar* onde teve lugar a palestra, viam-se algumas senhoras, tendo feito a apresentação do conferente o sr. dr. António Cristo, advogado na comarca.

Santos populares

—o—

Anunciam-se para a véspera e dia de S. João—23 e 24 do corrente—festivais no Jardim, organizados, como já tivemos ocasião de noticiar, pelas duas corporações de bombeiros que estão a elaborar o programa.

Durante essas noites sabemos que tocarão *jazzs* e que se devem exibir ranchos, vindos de fora.

"Môlho de Escabeche"

Subiu esta semana duas vezes à cêna, com casas cheias, sendo-lhe dispensados fartos aplausos

O Grupo Cénico do Club dos Galitos, honrando as tradições teatrais da cidade e as suas próprias tradições, realizou na segunda e terça-feira últimas as récitas inaugurais da fantasia regional *Môlho de Escabeche* há muito anunciada e ansiosamente esperada.

A hora não era favorável para uma festa desta ordem: a notícia do rompimento da Itália com as potências aliadas, chegada a meia tarde, causou no espírito público sérias apreensões. Outras contrariedades bem desgostantes haviam semeado tristeza nos componentes do simpático agrupamento de amadores aveirenses e no circulo das suas amizades. A atmosfera estava carregada como no quadro das *Ondas* quando a orquestra ruge sob o sobresanho do Oceano proceloso... E, no entanto, o Teatro Aveirense foi nessa noite inolvidável da *première*, uma janela aberta sôbre a beleza da Vida!

A alegria da nossa terra, da nossa mocidade, do nosso céu, entrou por ali às lufadas e, por momentos, reanimou as almas, inspirou-nos fé, rejuvenesceu e aliviou os nossos corações opressos.

A hora foi de trégua para a tempestade dos espíritos em que andamos todos envolvidos. E a nossa casa de espectáculos, literalmente à cunha, —habitualmente tão exigente, tão fria e mesmo tão severa—vibrou de entusiasmo. Os aplausos fôram, como raras vezes ali temos visto, calorosos!

O milagre deve-se a António José Flamengo—autor da peça, ensaiador, realizador, actor êle mesmo, a quem cabe o maior quinhão da glória; a João Lé, um maestro que sabe música e faz música, porque tem inspiração e sabe reger uma orquestra e dirigir a parte musical de um espectáculo daquela responsabilidade, e ao dr. Luiz Regala que no manejo das leis e nas lides do fôro não perde de vista a musa que lhe inspira versos que são versos e que muito valorizam a obra concebida e musicada pelos outros dois autores. E sem esquecermos a Direcção do Grupo e aqueles que asseguraram a parte financeira da emprezà e que, pelo volume do encargo, merecem a nossa gratidão, srs. drs. Abílio Justiça, Joaquim Henriques, Augusto Cunha e Henrique Rato, António da Costa Ferreira, Francisco Duarte, António Morais da Cunha e João Macedo, diremos que se deve ainda o milagre daquele clarão de alegria e daquele grande e encantador espectáculo, à graciIidade das gentilissimas meninas, tôdas do nosso meio tricano (se bem que já nem tôdas elas verdadeiras tricanas) que representaram, cantaram e marcaram com singularissima habilidade, com caracteristico donaire, com graça ingenita, com arte, os números capitais da revista. O concurso do grupo de rapazes é digno de relêvo. Os cenários do consagrado artista lisbonense sr. Reinaldo Martins e do seu colaborador sr. Augusto Garcia, são do melhor que se pode ver nos teatros da capital e dão valiosissimo realce às cenas que neles se representam. O guarda-roupa magnífico, embora, em alguns casos, prejudicando pela estelisação a graça natural. O trabalho dos maquinistas, das montagens, dirigido por Belmiro Amaral, e da luz, ed e todos os auxiliares, completou o conjunto, contribuindo para o brilho da festa, que foi em Aveiro, e seria em qualquer cidade portuguêssa, um verdadeiro acontecimento.

* * *

Fazer uma crítica, como é de uso jornalístico, apoz a *premiére*? E' difícil. Criticar é desagradar a uns para agradar a outros; é, muitas vezes, desanimar os que trabalham para enco-

Quem acode à pequena Imprensa?

Transcrevemos do último número de *O Figueirense*:

Foi êste o brado que há muito aqui erguemos e que nem todos os interessados quizeram ouvir.

É êste o brado que agora se ouve de Norte a Sul, aflitivamente.

Falta papel para os jornais e o pouco que se fabrica, ou que se quer fabricar, só se consegue por preços elevadissimos, tão elevados que é impossível por poder manter-se a chamada pequena imprensa.

Basta dizer que o papel que se comprava a 1$90 cada quilo, custa agora 4$80!!!...

¿Perante esta grave realidade, o que fazer?

¿Aumentar o preço das assinaturas? Mas se as fábricas não tomam compromissos de preço e prasos de entrega!...

¿Reduzir o número de páginas?

Não sabemos o que fazer. O que podemos é afirmar que há 3 mêses fizemos uma encomenda de 1.000 quilos e que ainda não o recebemos nem sabemos quando nos será entregue.

A situação da pequena imprensa é aflitiva e não vemos quem lhe possa acudir.

Agora é que se faz sentir a falta do respectivo Sindicato, por cuja criação tanto trabalhámos!...

Do mesmo mal nos queixamos nós, presado colega. Também temos uma encomenda de papel feita há mêses e até hoje ainda não chegou nem sabemos igualmente quando chegará. E o preço? Nem queremos pensar nisso...

Se nos deixarem ficar a camisa, é uma sorte...

Efemérides

15 de Junho

1891—Aparece o manifesto dos emigrados da revolução de 31 de Janeiro, brilhantemente redigido por José Sampaio (Bruno).

1909—O dr. Nilo Pessanha assume a presidência da República Brasileira.

Este número foi visado pela Censura

rajar a maledicência dos que nada produzem nem são capazes de produzir.

Dessa crítica não queremos, sequer, ter o direito.

Mas fugirmos ao dever de criticar para aperfeiçoar e de assinalar os méritos ou os defeitos da nova obra teatral que o Grupo Cénico do Club dos Galitos nos ofereceu, a êsse dever não podemos esquivar-nos. A crítica é indispensável quando se atinge o plano em que esta obra se realiza.

Há defeitos a corrigir e são fáceis de corrigir. Apontaremos, por hoje, êsses defeitos, sem renunciarmos ao prazer de voltarmos a estas colunas para dizermos do nosso agrado.

O notável conjunto artístico de amadores aveirenses criou um nome no país. A sua fama excede já os limites da terra e o âmbito das curiosidades e das diversões meramente locais. *Môlho de Escabeche* não morre em Aveiro. Sairá daqui para o grande público de Lisboa e outras cidades.

A representação no Coliseu dos Recreios, em Junho de 1937, da simpática revista *Ao Cantar do Galo* assombrou o lisboeta, teve larga repercussão na imprensa, mereceu da crítica dos grandes diários as mais lisongeiras referências.

Isto criou responsabilidades para o realizador, para o Grupo e para o Club que o patrocina e para a terra de que leva o nome.

António José, vocação de ensaiador, autêntico valor em qualquer grande meio, que tem sido a alma dêste ciclo teatral, deve ser o primeiro a concordar com a reacção do público e a dar-lhe satisfação para que resulte perfeitíssima essa obra que é já imponentíssima.

E a reacção do público perante a sua obra, verdadeiramente superior nas partes musicadas e no arranjo geral, é a que aqui pretendemos traduzir, por esta crítica, que pode desgostar momentaneamente, mas que é clara e sincera e não exclue o nosso entusiasmo e o nosso louvor.

A verdade é que as partes decamadas não condizem com a superioridade do espectáculo e carecem de remodelação. E' monótona, por extensa e frágil, a cena inicial dos serranos que tem escusado exagero de lorpice istriónica. O tema é bom; a garridice das *Barriquinhas de Ovos Moles* à venda na gare, contraposta à saúdade do bucolismo do quadro montanhez, simbolisa bem os atrativos e a doçura do viver da cidade da *marinha* confrontado com o agreste e alpestre da serra, onde a formosura das raparigas e o pitoresco das fragas entretecidas de florações do mato—admirável o trabalho de cenografia!—mal consegue suavisar a rudeza do burel, expoente do viver serrano.

A idea ganhará com algumas modificações que deem interesse ao diálogo, porque o quadro é magnificente!

O Rei-Carnaval caiu em infelicidade. A plateia sente-se oprimida com aquele personagem que ninguem sabe porque aparece numa revista desta natureza e em tal altura da representação.

E' descabido o quadro do Adão e Eva. Extensa de mais a aldrabice artística do amador de cacos que só se salva pela forma que António José lhe imprime. Falhas de ligação e necessitando explicação—eis a falta do *compère!*—os magestosos quadros do segundo acto.

Remediados estes senões, o *Môlho de Escabeche* terá uma carreira triunfal e conquistará para os seus autores, —especialmente para António José— para os seus executantes, para os *Galitos* e para Aveiro, triunfos e louros superiores aos de todos os seus precedentes.

* * *

Do desempenho é melindroso falar num artigo ligeiro, por se poderem ferir susceptibilidades. Mas do desempenho, àparte as inevitáveis pequenas coisas—que até nos espectáculos de profissionais se notam—só há que dizer bem. Se não se tratasse de gente nossa, diriamos maravilhas!

Lourdes Teles, Maria Amaral, Angela de Jesus, Laura Albuquerque, Virginia Calisto, Maria Gamelas, Adelaide Ferreira, Ester Amaral, Celeste Matos, Democracia Graça, nos papeis de destaque, vão lindamente. Lourdes, é sempre uma apreciável chefe de quadro. Diz, calca, marca e sublinha com um à vontade e uma finura de artista. Maria Amaral, tão querida das plateias anteriores, possuidora de uma voz bem timbrada, continua a cantar com inteiro agrado do público e a faze-lo rir de vontade nas suas rabulas de caracteristica. E' um elemento de primeira ordem que fez impressão no Coliseu e ganhou a categoria de *estrela* no *Cantar do Galo*. Angela foi a revelação desta quadra. Mereceu bem a maior ovação da noite no *Fado da Nau*. Laura, muito correcta na sua recitação do verso no diálogo da fonte e muito inteligente e viva nos *Moinhos*. Virginia Calisto, azougada e feliz no *Escabeche;* Maria Gamelas, muito simpática na elegante tricana de 1900 a contracenar com Maria Amaral na *Tricana actual* e ainda na cena das *Vindimas*. Ester é um dos melhores elementos femininos pela sua adaptação a papeis menos gratos. Celeste Matos que, pela primeira vez surge, surge e resplandece como uma princezinha, na elegância do seu porte ao enfrentar longamente o público no 2.º acto.

Aqui lhes registamos os nomes, com entusiástico aplauso pelos sacrifícios feitos e pela gentileza do seu porte nas explendorosas marcações do *Môlho de Escabeche*.

O corpo coral é constituído pelas meninas Zidia de Lemos e Maria do Céu Lourenço, que desempenham com frescura os papeis de 3.ª e 4.ª *empilhadeiras de sardinha*, Estefânia Pires, Suzana Pires, Aidé Pires, Alice Picado, Georgina Lourenço, Conceição Costa, Silvina Freire, Antonieta Carvalho, Noémia Miranda, Maria de La-Sallete, Guilhermina Pinho, Estrêla Castro, Maria Adelaide Ferreira Trindade, Maria Arroja, Isaura Silva, Maria da Conceição Silva, Emilia de Albuquerque e América Rodrigues.

Muitas pisaram o palco pela primeira vez. Só a falta do franco sorriso das *veteranas* lhes denunciava, a principio, o natural arreceio.

As outras meninas, admiráveis pela segurança nas complicadas marcações e na afinação dos seus coros e pela graça de tôda a sua actuação.

Do elemento masculino, cujo grupo coral é formado pelos srs. Florentino Maia, Carlos Rodrigues, Jaime Mourisca Simões, João Moreira, António M. Borrêgo, Jaime Magalhãis, Manuel de Oliveira e Silva, António José Rodrigues, Alberto Pires, Guilherme Maia, Manuel Arroja, Luís António, Jaime Andias, Gilberto Nogueira e Carlos Gamelas, temos de destacar além de António José que se encarregou de vários papeis, sobrecarregando-se de trabalho, Mário Teles, ótimo, como sempre, no velho pescador; Sebastião Amaral, um tenor da velha guarda, sempre aplaudido; o minusculo F. Morais Sarmento, que interessou imenso o público no seu papel de *Altino;* Domingos Moreira que se revelou no *Cantar do Galo* e que é um cómico de raros méritos mal aproveitado nesta revista; Abel Costa e Firmino Costa, amadores de sólida escola, José Vieira e Agnelo Coelho que se defendem com talento de papeis pouco susceptiveis de relêvo. José Vieira, que fez com sucesso o *compère* do *Cantar do Galo*, bem no *Mordomo*, muito bom nos *Tripeiros*, a contracenar com Maria Amaral e Domingos Moreira; mal na noite da entrega dos Ramos, por excesso.

Os coros masculinos, fortes e firmes. João Lé, a reger, progrediu notávelmente nêstes três anos, conquistando a sua *maneira*, uma maneira sóbria e distinta, o que tem importância em espectáculos como êstes. A orquestra e a orquestração, acima de todo o elogio: simplesmente magnífica!

* * *

Havia mais que criticar? Sim, havia. A cortina, pela côr e pela ausência de motivos regionais que nunca devem esquecer numa obra regional que se destina a plateias de fora, por que é dos temas regionais que essas plateias esperam as mais gratas impressões.

Merece reparo a cêna com o *turista* por poder dar lugar a um errado juizo sôbre o espírito e a educação do povo aveirense, que é delicado e acolhedor, pacatissimo e ordeiro. Mas o *revisteiro* é um escritor teatral dificil de se criar e de se encontrar fora dos grandes centros como Lisboa. António José não podia ser perfeito em tudo. Não conseguiu fazer estoirar com riso o público no *declamado*, pois não maneja as facecias em que os revisteiros da capital são iméritos. Mas o público compreende que êsses intervalos de menos interesse, são necessários para dar tempo às mudanças de cêna e do vestuário dos figurantes e por isso não se impacienta. Daí a instantes tem que aplaudir, como aplaudiu, entusiàsticamente. Espera uns momentos e espera com boa vontade, porque já sabe que a um número musicado muito bom, outro se segue ainda melhor, porque, em verdade, os números musicados são esplêndidos, quási insuperáveis em riqueza, em coloração, em música, em beleza e em graça.

A revista tem 30 números musicados, que corresponde aos seguintes quadros:

1.º—Aveiro!... Aveiro!..; 2.º—Os que chegam; 3.º—Serra Bendita; 4.º Cênas da Beira-Mar; 5.º—Empilhadeiras; 6.º—Era uma vez...; 7.º—Ouando o Natal chega; 8.º—Noite de Folia; 9.º—Turbilhão Carnavalesco; 10.º—Nos domínios do Escabeche; 11.º—Uma lição da natureza; 12.º — Sinfonia das Ondas; 13.º — Gente do Mar (Apoteose). 14.º—Presunção e água benta...; 15.º—Chales de Aveiro; 16.º—Manhãs de Sol; 17.º—Cisnes da Ria; 18.º—A alegria das Festas; 19.º—Nau Portugal; 20.º—Ao longe... Aveiro!; 21.º—Sonho de luar; 22.º—Romaria do São Paio da Torreira; 23.º—Não queremos voltar p'rá Serra; 24.º—Canção que a terra canta; 25.º—Oiro da Bairrada; 26.º—É dever nosso (Apoteose).

Os cenários majestosos, as coristas formosissimas, a música lindissima, as marcações do melhor que se pode ver nos teatros portugueses, o guarda-roupa riquissimo, o conjunto maravilhoso! O público obrigou a bisar todos os números cantados e coreografados e isto diz tudo.

Môlho de Escabeche excede o *amadorismo* no teatro musicado português. Expurgado de alguns pequenos defeitos, o seu triunfo será completo. Tem beleza, tem arte, tem riqueza.

Algumas das suas cenas são bocados de ópera intermeada de música ligeira e episódios populares, mas a jovialidade e a popularidade não lhe diminuem a grandeza da expressão artística!

Parabens!

ALBERTO SOUTO

Necrologia

Deixou de existir no último sábado, com 79 anos, a sr.ª D. Raquel Maia de Sousa Brandão de Campos a quem há meses falecera seu marido, o sr. João Maria Pereira Campos.

A extinta era natural de Arrifana (Vila da Feira) e o seu cadáver foi sepultado no cemitério central.

Serviço militar

As inspecções dos mancebos do concelho de Aveiro, recenseados no corrente ano, realizam-se durante êste mês e nas datas seguintes:

Aradas dia 17; Cacia, Eirol e Nariz em 18; Eixo e Esgueira em 19; Oliveirinha, Requeixo e parte da freguesia da Glória (cidade) em 20; restantes da Glória em 21 e Vera-Cruz (cidade) em 22 e 24.

Os mancebos que, sem motivo justificado, faltarem à inspecção no dia que lhes está designado, presumem-se apurados para todo o serviço, isto, é claro, sem prejuízo das sanções que, porventura, lhes venham a ser aplicadas.

Aqui fica o aviso.

Um chiqueiro

—o—

Continuam as valetas na Rua de Ilhavo a trasbordar de sugo o que deve impréssionar mal quem entra na cidade por aquele lado.

Aproxima-se a época das excursões e não faz sentido que os nossos visitantes sejam forçados a admirar aquele *quadro*, impróprio duma capital de distrito, pelo que de novo pedimos as necessárias providências.

O TEMPO

—x—

Rijas nortadas açoitaram-nos ultimamente, sentindo-se frio à mistura.

No mês de S. João, é forte.

CARTA DE LISBOA

13 de Junho de 1940

Jornada patriotica

Assim pode classificar-se a formidável e entusiástica manifestação dispensada pelo povo de Lisboa ao sr. Presidente da República no seu regresso de Guimarãis.

Lisboa em pêso acorreu a saúdar o sr. General Carmona, a dispensar-lhe a maior e mais apoteótica manifestação entre quantas o povo da capital tem dispensado a alguém.

O venerando Chefe do Estado, pôde, de novo, verificar o que é a consideração, a amizade e apreço que o povo nutre pela sua figura ilustre.

A seguir à apoteose de Guimarãis, a apoteose de Lisboa, escrevendo nas comemorações centenárias uma página admirável de vibração patriótica. Foi bem Lisboa glorificando a sua história, orgulhando-se do seu passado e contentando-se com o seu presente.

Amizade de irmãos

As manifestações do Brasil a Portugal, a-propósito das comemorações centenárias, têm servido para afirmar a grande amizade luso-brasileira. O Brasil não perde ocasião de declarar o muito que nos deve. Por isso mesmo ainda há pouco o ilustre membro da Embaixada especial brasileira, sr. dr. Edmundo da Luz Pinto, afirmava em nome dos brasileiros a sua gratidão a Portugal quando declarava:

Portugueses, nós vos somos, sôbretudo, gratos!

Gratos pela vossa colonização, que já tanto discutimos e comparamos para, afinal, concluirmos que ela é mesmo a base indestrutível da nossa unidade nacional, galhardamente mantida e defendida, em cruentas lutas e comoções, no Império e na República.

Gratos pela federação, que nos ensinastes como melhor sistema de conservá-la na vossa esclarecida obra administrativa das capitanias e dos govêrnos gerais.

Gratos pela demarcação tranqüila das nossas fronteiras, condição inabalável da paz com os nossos irmãos e vizinhos, fundada na minúcia dos vossos tratados, títulos e documentos e na exactidão dos vossos mapas, como tanta vez proclamou o «Deus Términus da nacionalidade» o nosso glorioso Barão do Rio Branco.

Gratos pela noção de segurança nacional que nos destes, espalhando fortalezas e fortes pelo litoral da nossa costa e pelo interior dos nossos rios, grave advertência para que saibamos estar alerta na defensão do nosso opulento património da cobiça e da aventura dos estranhos.

Gratos pelo mágico e másculo idioma, que acrescentámos em vocábulos e enriquecemos em criações literárias, sem, entretanto, tirar o rio luminoso do seu leito para podermos legìtimamente dizer-vos — o nosso Camões.

Gratos pela bênção da primeira missa, pelo emblema da fé, chantado com o padrão de Pôrto Seguro, para que a nascente terra cristã da América pudesse mais tarde resistir às seduções dissolventes da reforma e dos cismas, fiel à religião de Deus único e verdadeiro, protectora do nosso destino, luz da nossa estrada, salvação das nossas almas.

Afirmações que nos sabe bem escutar, elas são, de facto, a melhor testemunha do valor da nossa acção colonizadora, da nossa obra de povo civilizador.

Nova afirmação

A entrega ao Generalíssimo Franco do Grande Colar da Tôrre e Espada, com que o sr. Presidente da República Portuguesa o agraciou, constituiu mais um admirável motivo para pôr em relêvo a amizade peninsular. Isso mesmo se depreende do admirável discurso pronunciado pelo Chefe do Estado espanhol, principalmente no passo em que acentuou:

Estava reservado aos nossos povos unir o Mundo em seus braços sob o signo eterno da Cruz. Esta voz da História e do sangue é a que chama à irmandade as nossas Nações, e foi a que, sem dúvida, da nossa Cruzada perante a mais terrível das invasões, que ameaçavam destruir a nossa Civilização comum, despertou o vosso espírito e trouxe à nossa terra os vossos valentes voluntários a selar de novo com o seu sangue esta amizade que tão fecunda pode ser para o futuro. Por isso, nêste momento em que vou ostentar a mais alta e apreciada das vossas condecorações, recebo-a com o mesmo amor que uniu os nossos antepassados ante o Mundo e os nossos camaradas da Cruzada, fazendo votos pela grandeza e prosperidades da vossa Nação e ainda por que ninguém possa perturbar a confiança entre os nossos povos existente.

Os votos do Generalíssimo Franco para que nada nem ninguém perturbe a paz e a amizade que une os dois povos peninsulares, são também os votos veementes de todos os portugueses.

GIL DO SUL

Sagres, varanda de Portugal

Sagres será para os portugueses, mais do que uma romagem patriótica — um acto de comunhão colectiva, em que o país inteiro irá agradecer ao Mar a graça da sua presença e dos seus dons. Assim, o ciclo henriquino que se inicia agora, num rumor festivo e azul, tem um significado que transcende a primeira visão aparente.

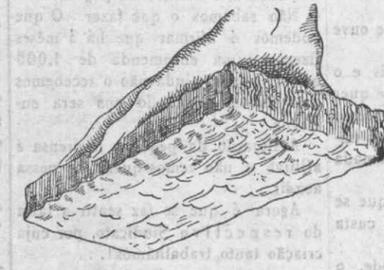
Se Portugal tem raíses eternas na terra peninsular e se Guimarãis foi a exaltação dessas raízes — foi para o Mar que se estenderam, num gesto de amplidão infinita, os braços seculares da vélha árvore portuguesa.

Portugal vai hoje agradecer ao Mar e de-certo o Oceano lhe saberá dizer — na linguagem expressiva das grandes respostas silenciosas—o seu orgulho em ter sido sempre *mar português*. E quando as bandeiras dos descobrimentos e de Portugal subirem alto, ao claro ceu, na fortaleza de Sagres; quando junto aos lugares sagrados donde partiu a nossa expansão universal um grande cortejo com as mais altas figuras espirituais e temporais do país, desfilar, num preito de evocação e de agradecimento — Portugal inteiro recolher-se-á numa imperceptível e discreta oração e, intimamente, recordará todos os homens que o dilataram e o aumentaram, tôdas as almas que lhe ensinaram o próprio sentido do seu destino. E, numa exaltação do mais puro sentido medieval, trombeteiros ladeados por homens de armas executarão a marcha guerreira da Fundação, enquanto os navios de guerra, surtos na baía, salvarão no espaço imenso, num hino glorioso e triunfal.

As festas de Sagres encerrar-se-ão com a representação do Auto *Rosas de Santa Maria*.

Pelas doze horas, e sob o radioso sol meridional, evocar-se-á o regresso de Gil Eanes depois da passagem do Cabo Bojador. E o momento culminante dessa evocação histórica, que antevemos admirável, será quando Gil Eanes entregar ao Infante, como sinal das terras que descobriu e da sua semelhança com as terras do reino, um ramo de rosas oriundas das colónias portuguesas, feitas de ouro, prata e outros metais extraídos do seu solo.

Lição magnífica de gratidão ao Mar, que nos deu o sentido da nossa projecção no mundo, Sagres, varanda debruçada sôbre o Oceano, será um símbolo da nossa eterna e magnífica vocação atlântica. Portugal, na pessoa do seu Govêrno e do seu povo, afirmará, mais uma vez, a certeza da sua missão universal.

Atenção para a 4.ª página

Cartas a uma amiga de longe

Junho, 1940

Minha querida:

Foi ontem à cêna, pela primeira vez, a revista Môlho de Escabeche.

Ao ver a graça, a leveza de tôdas aquelas raparigas, frescas e vistosas—pasmo!

Nesta terra da beira-mar a mocidade tem para a arte uma tendência nata. Vejo ainda na núvem do passado, a Caldeirada. *Que animação! Que alegria! Que habilidade a dos componentes! Ouço uma voz fraquinha a recordar ainda num murmúrio de saùdade o «sobe o pano magestoso».*

Anos passaram e depois surgiu Ao cantar do Galo. *Que colorido! Que graça! Tinha a frescura das manhãs de Primavera.*

E agora aparece o Escabeche*—luxuoso, alegre, animado.*

A tua habilidade, Angelita de Jesus, a tua graça, a tua vivacidade, não foram, para mim, que te conheço de longos anos, motivo de admiração.

Que mais poderemos exigir dum grupo de raparigas que nunca pisou o palco? Elas dançam como girls *profissionais e cantam como estas, ou melhor, talvez.*

Admiro a tenacidade, a paciência com que durante tanto tempo trabalham, ensaiam, limam, aperfeiçoam. Como recompensa, apenas as palmas da multidão e as flôres dos «apaixonados». E êste desinteresse é, nesta época de ganância, mais um motivo para as tornar simpáticas, a elas e a todos os que contribuem ou com o seu trabalho ou apenas com o entusiasmo para que tudo corra bem.

E' assim a gente da minha terra. Entusiasta e capaz de tudo sacrificar para que Aveiro brilhe. O caso é haver quem tome iniciativas.

Os comparsas é que não estão à altura das raparigas. Estão muito longe de terem graça para entreterem os espectadores enquanto elas mudam de vestuário. Não têm uma frase, um dito que faça rir. Faz falta. Uma gargalhada, na hora presente, é muito salutar. E é pena, é pena, pois aquêles diálogos desengraçados e «desencabidos» estragam um bocado o conjunto. Mas isso é o menos. Uns cortes bem profundos feitos por mãos de mestre, umas modificações ali e além e o Môlho de Escabeche *fará furor aqui e nessas cidades que o grupo cénico tem visitado e onde tantos êxitos tem obtido.*

Belos conjuntos, belos cenários, lindo guarda-roupa, música encantadora, moderna, bem ritmada e que é para a cidade mais um motivo de orgulho, pois é obra dum aveirense inspirado.

João Lé mostrou, mais uma vez, o valor indiscutivel do seu saber e a sua admirável vocação artística.

Um abraço da

Zèmi

Trincheira dum crente

Louvores ao passado e à história

O *Sport Club Beira-Mar*, progressivo e popular organismo desportivo, muito louvàvelmente tomou a iniciativa de comemorar, no passado dia 4, o grande movimento patriótico, que, como espinha dorsal, imensa vertebra, Portugal, de norte a sul, de Guimarãis a Sagres, está efectuando na presente hora histórica.

A atitude do *Beira Mar*, tomando essa iniciativa, não pode causar ou despertar surprêsa. A sua direcção, que é activa e dinâmica, absorvida pela realização duma obra, nem sòmente ao desporto e labor mundano dedica o seu esfôrço perseverante. Se o físico, o corpo, a valorização do material como suporte, alicerce e expressão do moral, estão nos cuidados da sua actividade, a elevação, o aperfeiçoamento, a superioridade da alma como expoente de uma afirmação de patriotismo, de civismo, de humanidade e de civilização, estão claramente vincadas no seu pensamento dirigente.

A sua iniciativa foi, portanto, um acto de devoção cívica, um gesto de exaltação patriótica, a prova de concordância com o pensamento nacional do Estado Novo, que é, nêste momento, a vontade forte, viva e real de que se conserve e perdure infindàvelmente, a continuidade da liberdade e da independência da nação portuguesa.

* * *

Os actos patrióticos e comemorativos da independencia e da restauração de Portugal, que o ano de 1940 vai intensamente celebrar, têm nesta hora angustiante e dramática do mundo, revolvido pela guerra e pelas maiores ambições imperialistas que os modernos tempos conheceram, um especial e particular significado.

Significado que é tanto nacional, próprio da pátria portuguesa, como internacional, próprio do universo de que fazemos parte e a que estamos vinculados por liames de cultura civilizadora e humanística.

Objectiva-se robustecer e fortalecer a nossa unidade territorial, política e cultural. E nenhum pensamento existe, com o sentido do melhor e do mais alto, para esteitar e aumentar a nossa unidade nacional, a unidade profunda da nossa inteligência, do nosso espírito e do nosso coração, de que fixar o nosso olhar, o olhar interior e o olhar exterior, nas realizações levadas a cabo e na energia prodigiosa e consciente desenvolvida pelos nossos grandes chefes antigos, — chefes de govêrno, chefes religiosos e chefes de guerra.

E à volta dêstes chefes, recebendo-lhes as lições, os exemplos, a fé e os estímulos, a massa anónima, heróica e sofredora do povo português, que em tôdas as épocas da nossa história, — honra lhe seja feita — nunca esteve abaixo da altura, da grandeza, do génio e dos sacrifícios dos seus chefes.

Agora que nos voltamos todos para o passado; que atentamos no prestígio aliciante e no valor fascinador das perdas mudas, escuras e musgosas dos castelos; agora que a nossa alma se abre em clarões de justiça, de veneração e reconhecimento para com os nobres mortos da história, a que devemos o que somos, as razões da nossa existência e a continuação inabalável da nossa missão e do novo dever no mundo civilizado, creio que uma verdade e uma certeza nos ilumina e engrandece a todos: é que somos, nesta hora nacional, fundamentalmente portugueses e irmãos.

* * *

Nada há melhor que o passado para nos unir, para nos juntar, para nos tornar a todos, homens do mesmo rosto, homens da mesma alma e homens da mesma fé. E' a vantagem, a glória e o sortilégio do passado sôbre o presente. Perante o passado somos todos iguais de rôsto e de alma; queremos e desejamos ser todos semelhantes; cada um de nós, disputa-se em melhor prestar justiça, homenagem e louvor ao passado. Ninguém quer ficar atraz. Todos pretendem alcançar o primeiro lugar nas homenagens.

O passado é dêste teor. Suspira, sugestiona e forja a nossa unidade, a nossa semelhança, a nossa identidade. Cria o pensamento comum, coeso e uniforme.

O presente já não é bem assim. Mas não é só o nosso presente. São os presentes de todos os momentos da história. O presente divide os homens. Estabelece entre êles a rivalidade, a luta pelos interêsses; secciona-os em partidos contrários; alinha-os em sectores diferentes e antagónicos. No passado as paixões estão mortas. No presente as paixões são vivas. Que ao menos o culto pelo passado — pelos seus heróis, pelos seus santos, pelos seus guerreiros, pelos seus sábios, pelos seus políticos e pelos seus homens de mar, tenha a virtude de atenuar, abrandar e cristianizar o fluido misterioso vivo e ardente das paixões humanas, que são deshumanas, quando lapidam cruelmente o seu semelhante, o seu irmão pelo sangue, pela dôr, pelo espírito e pela história!

J. Carreira

PELO TEATRO

—o—

O *Môlho de Escabeche* deve repetir-se na próxima semana, não estando, porém, ainda fixado o dia.

Ás armas!...

—o—

Ás armas?! Não; mas sim aos garfos e às facas para atacar o almôço do capitão Faria (Manuel José da Fonseca) na Figueira da Foz.

Quem é amigo revela-se sempre. E o capitão Faria, pertencendo ao curso farmacêutico de Coimbra que nos dias 29 e 30 do corrente vai reunir, outra vez, para, em fraternal convívio, amenisar, um pouco, a existência, não desmente os sentimentos que o ligam aos companheiros de há 40 anos e por isso ansiosamente os aguarda onde os pretende obsequiar consoante o compromisso tomado em 1938. Lá iremos, pois, todos os que se juntarem, acudindo à chamada, segundo a qual é preciso não hesitar, comparecendo na máxima fôrça a *rapaziada* que por êsse país fora se espalha, prêsa à profissão, e ainda se recorda dos tempos despreocupados da mocidade, junto ao Mondego, a ouvir os trinados maviosos dos rouxinóis nos salgueirais, em noites luarentas, ou abancada nas tôscas mezas de pinho do Julião das iscas, do Marginho e tantos outros *centros de reünião* existentes nessa época já distante.

Um dia não são dias. Portanto a Coimbra e à Figueira todos os que puderem fazer, na certeza de que vamos ser acolhidos de braços abertos, nesta última cidade, pelo inolvidável e brioso capitão Faria.

Agradecimento

Na impossibilidade de poder agradecer pessoalmente a tôdas as pessoas que me visitaram durante a minha última doença e àquelas que por várias formas se interessaram pelas minhas melhoras, venho por êste meio cumprir o dever de manifestar a todos o meu profundo reconhecimento por tantas provas de estima e amisade que mais uma vez me foram dispensadas e que muito me sensibiliza ram.

Aveiro, 13 de Junho de 1940.

POMPEU DA COSTA PEREIRA

Padaria e mercearia

Por motivo de não poder estar à testa do negócio, trespassa-se com todos os documentos legais, na Gafanha da Encarnação (Ilhavo).

Tratar na mesma com o seu proprietário, Saúl Simões Neto.

Notas Mundanas

Aniversários

Fizeram anos: no dia 10, o jóven violinista Manuel Lopes da Silva, filho do sr. Manuel da Silva, residente em Lisboa, e em 12 e 13, respectivamente, Francisco José Pinto e Alcino da Conceição Pinto, filhos do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.

Fazem: hoje, o sr. dr. Ernesto de Pinho Guedes Pinto, médico em Coimbra, e a interessante Maria de Lourdes Vieira e o menino Manuel dos Santos Morais, filhos, respectivamente, dos srs. António Maria, 1.º sargento da Armada, e Alvaro Morais, da firma Belo & Morais, desta cidade; no dia 17, a sr.ª D. Zulmira de Brito T. Pinto, residente no Porto; em 18, a gentil Maria de Lourdes Maia dos Reis, filha do industrial sr. José dos Reis; o inocente José Manuel, filho do sr. José Rodrigues dos Santos, tenente de Marinha, e o nosso amigo capitão Alfredo de Brito, actualmente em Lisboa; em 19, o sr. dr. Hernani Ferreira de Miranda, advogado em Albergaria-a-Velha, e em 21, o sr. João Luiz de Rezende Júnior, sub-chefe da P. S. P. do distrito.

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo uniram-se, domingo, pelos laços do matrimónio a gentil tricaninha Maria Ávia Ferreira, que na revista local Ao cantar do Galo se destacou pela sua elegância e graciosidade, e o sr. José Maria de Oliveira Gouveia, componente daquele grupo cénico e actualmente aspirante de finanças em Lamego.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Conceição dos Reis Ferreira e seu marido o sr. José Vicente Ferreira, funcionário dos correios e telegrafos, e pelo noivo seu pai o sr. Anibal de Almeida Gouveia, de Ilhavo, e sua tia a sr.ª D. Josefa de Oliveira Dias.

Finda a cerimónia os conjuges e os seus convidados dirigiram-se para a residência da noiva, no bairro piscatório, onde foi servido um opíparo almôço que decorreu animadamente.

Ao ditoso par, que no rápido seguiu para a capital em viagem de núpcias, devendo depois fixar residência em Lamego, desejamos um futuro perene de venturas.

— Também no mesmo dia se realizou o casamento da insinuante senhorita Marieta Marques dos Santos Silva, natural de Chaves, Pará (E. U. do Brasil) e filha da sr.ª D. Ermelinda Marques dos Santos e do sr. José Tavares dos Santos, já falecido, com o sr. Orlando Martins Magalhães, aqui residente.

O acto civil foi celebrado na respectiva repartição e a cerimónia religiosa na Sé Catedral, tendo paraninfado, pela noiva, o sr. Fernando Ferraz de Menezes e esposa, do Porto, e pelo noivo, sua irmã a sr.ª D. Maria Helena Martins Magalhães e o sr. Armando Pereira de Almeida, de Segadães (Agueda).

Aos noivos, que em breve seguem para o Brasil, desejamos as máximas felicidades.

Gente nova

Teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Julieta de La-Salette Gomes Braga da Costa Gois, esposa do sr. dr. José Augusto Gois, licenciado em Farmácia e director do Laboratório Hila.

Foi registada no domingo, recebendo o nome de Maria da Graça.

— Também teve a sua délivrance, dando à luz um menino, a sr.ª D. Armanda Mendes da Maia Abrantes Saraiva, esposa do sr. José Salvato Bizarro Saraiva, tenente de engenharia, e filha do sr. Joaquim Dias Abrantes, antigo comerciante da nossa praça.

Foi igualmente registado, recebendo o nome de José Manuel.

Partidas e Chegadas

Desde o último sabado que se encontra na Casa do Seixal, desta cidade, o sr. general João de Almeida, que há pouco regressou do estrangeiro onde residiu durante dois anos por determinação governamental.

O ilustre oficial, a quem cumprimentamos, veio acompanhado da sua esposa e duma filha, tencionando demorar-se entre nós até à próxima semana.

— Afim-de aqui passar uma temporada, chegou de Leiria, com a família, o 1.º sargento-cadete Rui Ventura Rodrigues, filho do nosso amigo sr. capitão António Luís Caria Rodrigues, de Infantaria 10.

— De visita, esteve de novo em Aveiro o nosso conterrâneo Raúl Marques de Almeida, chefe da agência da Caixa Geral de Depósitos de S. João da Madeira.

— A passar alguns dias encontra-se em Aveiro o nosso prezado conterraneo sr. dr. Carlos Vilas-Bôas do Vale, juiz de Direito na comarca de Caminha.

— Estiveram igualmente nesta cidade os srs. José Soares da Costa, chefe de conservação de Estradas em Agueda e António Martins Morais, residente na capital.

— Depois de ter feito tirocinio para o posto imediato, regressou de Lisboa com sua família, o sr. tenente-coronel Gaspar Ferreira, nosso velho amigo.

— Segue hoje para Viseu em serviço de inspecção, o sr. dr. Vitorino Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10.

Correspondências

Oliveirinha, 13

Um grupo de rapazes desta terra, empenhados em fazer renascer as festas que desde há anos se não realizam em honra de Santo António, padroeiro da freguesia, resolveu formar uma comissão capaz de levar êste ano a efeito e com brilho essas festas nos dias 22, 23, 24 e 25, tendo já elaborado o seguinte programa:

Dia 22 — Uma salva de morteiros ao romper da manhã e música dum Zé Pereira até à noite, pelas ruas.

Dia 23 — A's 9 horas chegada da Banda Visconde de Salreu; às 11, missa solene a grande instrumental e sermão; às 14 chegada da Bauda do Troviscal; às 15 procissão e às 21 grande festival noturno, com música, fôgo de artificio, descantes populares e iluminação eléctrica e à moda do Minho.

Dia 24 — Visita aos mordomos pela Banda Visconde de Salreu e, à tarde, arraial, que se prolongará até depois da meia noite.

Dia 25 — Concerto popular para divertimento da mocidade pelo *Grupo Musical Santo António da Oliveirinha*, que acaba de ser reorganizado, corridas de bicicletes em pistas formadas por estreitas tábuas, corridas de gaiatos em sacos e, para terminar, estrondosas salvas de morteiros.

Parabens à rapaziada que — até que enfim! — acordou e se propõe animar a terra, fazendo reviver uma tradição adormecida e que tanto concorria para nos distrair, fazendo esquecer as agruras da vida.

Oxalá seja feliz nesta iniciativa para que outras se sigam, tendentes a concorrer para elevar cada vez mais os brios da Oliveirinha.

— Tendo-se ferido num pé, que andava a tratar, sobreveio-lhe um tetano, de que faleceu no dia 9, Rosa Marques de Jesus, viuva há mais de meio século de José Maria Marques da Silva e a quem tôda a gente estimava.

Tinha 79 anos.

C.

Eixo, 13

Continúa sendo precário o estado de saúde do nosso estimado médico municipal, sr. dr. Carlos Alberto Ribeiro por cujas rápidas melhoras todo o povo desta terra faz sinceros votos, pois muito tem sentido a grave enfermidade que o tem apoquentado.

— Está para breve o enlace matrimonial do sr. Manuel da Cruz Pericão, regente florestal em Coimbra, com a sr.ª D. Odília Silveira Pinheiro.

— Também aqui foi condignamente festejado o hasteamento da Bandeira da Fundação no edifício das escolas.

A' hora marcada, tôdas as crianças estavam formadas em frente daquele, acompanhando o acto com os hinos nacional e da Mocidade e calorosos vivas.

Em seguida, desfilaram em saüdação às bandeiras.

Abrilhantou o acto a Banda Eixense que, após a cerimónia, percorreu, a tocar, a rua principal da freguesia, acompanhada de tôdas as crianças e respectivos professores. Quási todos conduziam bandeiras da Fundação o que dava ao cortejo uma nota alegre e patriótica.

Foi queimado bastante fôgo e em todo o percurso se ergueram vibrantes e ardentes vivas, correspondidos entusiasticamente. No fim o prof. sr. João de Pinho Brandão fez uma palestra na escola sôbre o significado da festa.

— As vinhas têm sofrido um forte ataque de mildio, o que faz prever uma colheita insignificante, pois há videiras que já estão vindimadas.

C.

Indústria de serração de madeiras

— x —

AVISO

Ficam por esta forma avisados todos os industriais de serração de madeiras de que apenas são considerados como rurais e portanto não sujeitos ao regime das 8 horas de trabalho, em conformidade com o despacho de 19 de Janeiro de 1937, os trabalhadores que se empregam no «corte das madeiras e na sua condução para a fábrica».

Todo o restante pessoal é considerado como especializado, ficando, por isso, sujeito ao regime das 8 horas de trabalho, incluindo-se nesta categoria não apenas os fogueiros, serradores e respectivos aprendizes e ajudantes, mas ainda todos os trabalhadores que dentro da fábrica exercem uma actividade directamente relacionada com a respectiva indústria, como, por exemplo, aqueles que descascam os toros de madeira, os que chegam a madeira à serra e a recebem depois de serrada e aqueles que depois a empilham nos estaleiros.

Aveiro, 6 de Junho de 1940.

O Delegado do I. N. T. P.,

José Neves

Sôbre limpeza

Acêrca da notícia aqui publicada sôbre a imundice que se vê no Largo Conselheiro Queiroz, no Alboi, dizem-nos que era necessária a abertura dum cano de esgoto, pois que alguns moradores não teem para onde fazer os despejos.

Acrescenta o nosso informador que era justo que se tratasse dêste assunto, pois que, em certas ocasiões, o mau cheiro é insuportável.

Comarca de Aveiro

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da 2.ª Vara da Comarca de Aveiro — 1.ª Secção — correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos, para no praso de 10 dias, decorrido o praso dos éditos, virem deduzir os seus direitos na execução de sentença de acção especial de letra requerida pelo exeqüente doutor Júlio Corrêa da Rocha Calisto, casado, advogado, na vila e freguesia de Ílhavo, desta dita comarca, contra os executados Manuel da Silva e mulher Conceição Lopes da Silva, êle industrial e ambos residentes em Lisboa.

Aveiro, 5 de Junho de 1940.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Pela Comissão da Assistência Judiciária da Comarca de Aveiro — chefe de Secção Santos Vitor — correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o requerido Fernando Nunes da Costa, agricultor, ausente em parte incerta da cidade e comarca de Lisboa, mas com último domicílio na vila e freguesia de Ílhavo, desta comarca, para, no praso de cinco dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de benefício da Assistência Judiciária requerido por sua mulher Francelina Ferreira de Jesus, doméstica, do lugar e freguesia da Palhaça, desta mesma comarca, para propôr acção de divórcio contra o dito requerido.

Aveiro, 7 de Junho de 1940.

O Presidente da Comissão

Fernando Moreira

O Chefe de Secção

António Augusto dos Santos Victor

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	7,10 (tram.) Fig.
5,41 (tram.)	9,11 (correio)
6,53 »	12,54 (tram.) Fig.
11,22 »	15 (sud)
12,56 (rápido)	16,21 (tram.)
13,43 (tram.)	19 49 (rápido)
15,48 (sud)	21,52 (tram.)
17,28 (tram.)	0,31 (correio)
20,53 (correio)	

Aos sábados há um *rápido* às 22,27.

Do Porto chega um *tram.* às 19,22 horas que não segue.

A's segundas-feiras há um *rapido* às 10,12.

LINHA DO VALE DO VOUGA

PARTIDAS	CHEGADAS
7,28	10,29
13,21	17,20
19,35	23